

Índice

I.	a nossa civilização	parada como pompeia	9
II.	profetas de muitas pernas		21
III.	o estoico digere em seco		27
IV.	como uma ilha	temos naufrágios por todos os lados	35
V.	lá fora		43

I.

a nossa civilização parada como pompeia
segundos antes de...
e no entanto tudo mexia
por isso movemo-nos também
envelhecidos e enraivecidos
cheirando ao fumo de dentro
a memória do fogo fora
os antigos combates e amores
que já nos viram arder

chegaram a comida e a fome
ao mesmo tempo

anunciam-se órbitas em dominó

somos observados pelo olho da cidade
de fora
e de muito perto

respiramos com medo de respirar

a humanidade do lado de dentro
de pé
encostada a uma porta fechada
este retrato de invisíveis
esta felicidade de formiga

dizer janelas e portas por esta ordem
é já arquitetura

imagino romanos parados
em pose
construindo estradas

do chão olhamos a carne viva de um avião

a aranha ri do arranha-céus

esta moral não é para daltónicos
o amarelo e o vermelho serão decisivos
o azul será céu
o verde floresta liberdade
a verdade terá uma só cor: preto e branco
1984 1999 2001
chegámos atrasados a todas as descrições do futuro
e assim com medo

a pior mortalidade é a mortalidade dos vivos
não sabíamos que íamos morrer tanto
“boa páscoa que a gente não se vê até lá”
diz o messias ao amigo descrente

dançamos a dança da chuva
usando o sexto sentido
como gurus à procura de água
longe do seu deserto

as pessoas objetivas
falam pouco
e quando falam dizem que não têm medo

a relva agora livre
recebeu outrora a roupa dos despidos
os gritos indecisos dos guardas
assim nos habituámos aos silêncios naturais
interrompidos por recém-nascidos
o domingo a arrastar-se como segunda-feira
o sol inútil
as pausas ansiosas

o absoluto dos espaços pequenos
a canção ferida da claustrofobia

mantemos relações imóveis
imobiliárias
o olhar descansa-nos entre a faca e o pão com manteiga

a humanidade é uma mulher
empurra um carrinho de bebé
preocupada com o jantar

a nossa tarefa?
entre ruínas
esquecer a arquitetura

melhor que uma ilha
de uma ilha olhar outra ilha
o tempo duplica-nos os anos
com uma pressa de serpentes
Medusa de cabelos brancos

o equilibrista traz no bolso a ideia que o desequilibra
gravita
cai
muda
(no chão)

uma mulher explica que quando dorme sozinha
dorme na diagonal

um poeta católico obriga-nos
a esquecer o plural de deus e a exagerar aquilo
aquilo da esperança

o tempo eterniza o seu tiquetaque
preguiçoso

o efémero é a parte boa do inferno

os dias começam no interior
não suado
das camisas

somos todos iguais
ninguém queria esta igualdade

um riso de cruzada
sai da torneira da casa de banho
a alimentar a sede assustada
sinistra
dos descamisados

como um estrangeiro
retiro a janela da parede
e no chão faço uma porta

isto ou é arte ou é morte e eu não aprendi a desenhar

o mesmo o mesmo o mesmo
repetidamente
dia após dia
dia após dia após dia

idem ibidem dem dem bidem